

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE ARQUIVOLOGIA

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA VILELA

ROGUE ONE E AQUARIUS: O PROFISSIONAL ARQUIVISTA SOB O OLHAR DO
CINEMA

Belém-Pará
2018

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA VILELA

***ROGUE ONE E AQUARIUS: O PROFISSIONAL ARQUIVISTA SOB O OLHAR DO
CINEMA***

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em
Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato
Barros

Belém-Pará
2018

JOSÉ AUGUSTO DA SILVA VILELA

**ROGUE ONE E AQUARIUS: O PROFISSIONAL ARQUIVISTA SOB O
OLHAR DO CINEMA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em
Arquivologia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato
Barros

Apresentado em: / / 2018.

Conceito:

BANCA EXAMINADORA:

_____ - Orientador

Thiago Henrique Bragato Barros
Doutor em Ciência da Informação
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Renata Lira Furtado
Mestre em Ciência da Informação
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Gilberto Gomes Cândido
Mestre em Ciência da Informação
Universidade Federal do Pará (UFPA)

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de concluir mais esta etapa em minha vida;

À minha mãe Maria de Nazaré Gomes da Silva (*in memoriam*), por sempre acreditar que a educação é a chave para o sucesso;

A família de coração que a vida me proporcionou: Otavio Cezar Pantoja Marcos Marcos, Maria Assunção Pantoja Marcos, Fernando Ribeiro Marcos Junior e Maria Rosa da Silva Pantoja. Agradeço-lhes pelo apoio.

À minha colega de turma Francisca Deusilene Siqueira Almeida pelas palavras de apoio nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador Professor Thiago Henrique Bragato Barros, que forneceu todo o suporte para a concretização deste trabalho;

À Arquivista Angela Vanete Casali Rodrigues Fernandes, por todo o aprendizado e vivência profissional que adquiri;

A todos os servidores do Arquivo Central da UFPA, pelo suporte e aprendizado diário que me proporcionaram;

Aos professores do curso de Arquivologia, que de uma forma ou de outra, contribuíram não só para formação de mais um profissional, mas também para a realização de um sonho.

*All of my memories keep you near
(Within Temptation)*

RESUMO

Este trabalho teórico documental tem como objetivo realizar uma abordagem da representatividade do ambiente de arquivo e do arquivista no mundo cinematográfico, utilizando como objetos de estudo os filmes: **Rogue One** e **Aquarius**. Para isso, realizamos uma análise fílmica das duas obras e somamos as impressões com a área de arquivologia e atuação do profissional no Brasil, ao identificarmos se os elementos de arquivo e do profissional arquivista são apresentados de forma satisfatória a ponto de trazer visibilidade positiva para a área. Foi realizado um estudo sobre o surgimento da disciplina arquivística e seus principais fundamentos, bem como acerca da realidade do profissional no Brasil, legislação que abrange a área e, por último, um resumo histórico sobre o cinema, suas tecnologias e seus principais desafios no século XXI. Em seguida, após as análises das produções, constatou-se que ambos os filmes apresentaram de forma fiel o ambiente de arquivo, porém, ao abordarem a realidade profissional, mostraram diversas práticas não condizentes com as atribuições do arquivista. Por fim, mostrou-se que a área ainda não é bem representada nas obras de ficção, contribuindo com a falta de informação da sociedade sobre o papel do profissional, contudo, a indústria cinematográfica tem novas produções todos os anos, e, talvez, futuramente, poderão haver mudanças sobre representações da Arquivologia nas mídias, potencializando pesquisas futuras.

Palavras-chave: Arquivologia; Cinema; Representação profissional.

ABSTRACT

This theoretical documentary work aims to make an approach to the representativeness of the archive environment and the archivist in the cinematographic world, using as study objects the films: **Rogue One** and **Aquarius**. To do this, we performed a film analysis of the two works and added the impressions with the area of archivology and professional performance in Brazil, by identifying if the archive elements and the professional archivist are presented in a satisfactory way to bring positive visibility to the area. A study was carried out on the emergence of archival discipline and its main foundations, as well as on the reality of the professional in Brazil, legislation covering the area and finally, a historical summary about cinema, its technologies and its main challenges in the century XXI. Then, after the analysis of the productions, it was verified that both films presented in a faithful way the archiving environment, but, when approaching the professional reality, they showed several practices that do not fit the assignments of the archivist. Finally, it is shown that the area is still not well represented in works of fiction, contributing to the lack of information society has on the role of the professional, however, the film industry has new productions every year, and perhaps in the future, there may be changes on the representations of the Archivology in the media, enhancing future research.

Keywords: Archival; Movie theater; Professional representation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cinematógrafo.....	27
Figura 2: Destroyer do Império extraindo Cristais Kyber	35
Figura 3: Torre da Cidadela.....	36
Figura 4: Arquivista da Torre da Cidadela.....	38
Figura 5: Oferta de Compra.....	42
Figura 6: Arquivo Público	43
Figura 7: Condições do Acervo.....	44
Figura 8: O encarregado do arquivo	45
Figura 9: Arquivo	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ficha Técnica Rogue One	34
Tabela 2: Ficha Técnica Aquarius	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O ARQUIVO, O PROFISSIONAL E O CINEMA	17
2.1 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS EM ARQUIVÍSTICA.....	17
2.2 REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	21
2.3 CINEMA: SEU SURGIMENTO E EVOLUÇÃO ATÉ OS DIAS ATUAIS	26
3 O ARQUIVO EM TELA GRANDE	33
3.1 ROGUE ONE E A SEGURANÇA DOS ARQUIVOS DIGITAIS	33
3.1.1 A ALIANÇA REBELDE COMO SÍMBOLO DE ESPERANÇA.	34
3.1.2 O ARQUIVO DIGITAL EM STAR WARS	36
3.1.3 A IMPORTÂNCIA DE UM ARQUIVISTA EM STAR WARS.....	37
3.2 AQUARIUS E O ACESSO À INFORMAÇÃO.....	40
3.2.1 O CONFRONTO ENTRE O VELHO E O NOVO.	41
3.2.2 A PRESERVAÇÃO DOS DOCUMENTOS NO ARQUIVO PÚBLICO.	42
3.2.3 A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO PARA A MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos antigos, a interpretação de papéis encantou e levou a arte do entretenimento a diversas civilizações da qual a maioria não tinha condições, em que a escrita e leitura se faziam presentes apenas nas classes mais ricas das sociedades. Apresentando histórias variadas, os teatros itinerantes muitas vezes serviam de única fonte de informação, em sua maioria comédias para entretenimento das grandes massas.

Esta forma de arte, de passar-se por outras pessoas através da atuação, veio se transformando e se adaptando com o passar dos séculos desde o teatro dos tempos antigos até chegar em soluções mais desenvolvidas com novos adventos tecnológicos, como as radionovelas, cinema, televisão e até a produção de conteúdo voltada para plataformas *streaming* como Netflix¹, Amazon², Hulu³ e Youtube⁴. Todos possuindo a principal intenção de entreter os espectadores, cada vez mais assíduos de conteúdo alternativo. Hoje, graças ao amplo consumo de mídia pela sociedade moderna, as obras de ficção infelizmente tendem mais a serem produzidos e vendidos como produtos para uma grande massa de espectadores, visando o consumo de conteúdos licenciados do que objetivando a imortalidade da obra em si.

Justamente por conta da perpetuação dessas plataformas, que chegam, até mesmo, a ditar tendências sobre as pessoas, ao expor determinados padrões de consumo e comportamento, mesmo não sendo tratados como grandes comerciais de mídia e longa metragem, o que vemos nos dias atuais são produções de conteúdo em larga escala, os quais seguem uma tendência de homogeneização voltadas para grandes quantidades de espectadores, mas também querendo abranger segmentos mais fechados, como os conteúdos voltados especificamente para crianças e adolescentes, por exemplo. Devido a isso, percebemos a forma estereotipização com pessoas, locais, tribos urbanas e até algumas profissões, as quais são afetadas diretamente pela visibilidade destes conteúdos.

¹ www.netflix.com

² www.primevideo.com

³ www.hulu.com

⁴ www.youtube.com

Desse modo, não são raras as vezes que vemos produções de ficção abordando algum personagem de destaque, dando ênfase a alguma profissão específica como o policial guardião da lei, a médica dedicada que sofre problemas pessoais, o detetive que desvenda os mais variados crimes, a advogada que precisa provar o seu valor, da secretária atrapalhada que trabalha em uma revista de moda, dentre muitos outros exemplos no qual podemos criar uma infinita lista de citações já que, em praticamente toda obra de ficção, alguma profissão certamente acaba tornando-se o centro da trama ou entrando na roda de discussões pertencentes a ela. Mas será que o mercado cinematográfico, quando aborda os arquivos e o profissional arquivista em suas tramas, aborda de maneira verídica a atuação desses profissionais?

A Arquivologia é uma ciência jovem, que ainda ensaia seus passos rumo a consolidação através da produção de conteúdo científico, além de lutar por décadas pelo seu reconhecimento profissional. Porém, apesar das práticas de arquivamento se originarem desde a antiguidade, onde cada povo mantinha, com suas tecnologias, as informações e memória para as gerações posteriores, a Arquivologia só recebeu status de ciência em meados do século XX.

Os fatores mais influentes no constante aprimoramento das práticas profissionais, sobretudo no que se refere ao mercado da informação, diz respeito ao avanço tecnológico e ao surgimento da explosão bibliográfica, acontecimentos esses que marcaram a inauguração do século XXI e terceiro milênio. (SANTA ANNA, 2017. p, 291).

A realidade brasileira no campo da Arquivologia, apesar de ter uma quantidade crescente de trabalhos publicados e de cursos de graduação, além da criação de Leis que resguardem pelo menos em teoria as informações produzidas nos arquivos públicos e privados em todas as esferas de poder, esbarra muitas vezes na falta de condições adequadas na hora de desenvolver, de fato, os seus papéis como ARQUIVOS.

É sabido ainda que, dentro das universidades, do mercado de trabalho, além de desconhecimento sobre as leis vigentes, os meios exigem um esforço extra dos profissionais, para pelo menos realizarem medidas paliativas, muitas das vezes improvisações em locais sem as menores condições estruturais, sem investimentos e muitas vezes escondidos, pelo simples fato de não ser um espaço “útil” para as instituições. Essa falta de visibilidade dentro das instituições públicas e privadas cria,

de certa forma, uma barreira invisível entre eles e o restante da administração de uma instituição, já que existe o pensamento coletivo de que muitas vezes o arquivo serve apenas como “depósitos de papéis velhos resguardados por pessoas desagradáveis e muitas vezes problemáticas”.

O campo de trabalho do profissional de arquivo, na realidade brasileira, mesmo com a sua rotina, muitas vezes sem as mínimas condições de trabalho, nos leva a indagar se uma abordagem sincera, realizada por uma grande produção cinematográfica, seria suficiente para expor a realidade de um profissional invisível na maioria das instituições e mudaria a imagem da categoria perante a sociedade em geral, trazendo alguma visibilidade para esta área que ainda luta por algo tão simples que é o reconhecimento de sua identidade.

O campo de pesquisa a respeito da representatividade do Arquivista nos meios de ficção como filmes, cinema e televisão já é passível de investigação em algumas produções científicas sobre o tema⁵, visto que nos últimos anos existe uma grande discussão acerca da visibilidade da área para o mercado de trabalho e também o incentivo para o empreendedorismo, sobre a importância desse profissional, e uma abordagem madura, seguindo alguns preceitos antropológicos. Somadas estas produções à necessidade de abordar algumas obras cinematográficas recentes que falaram sobre o tema, estas podem desencadear alguns resultados interessantes e de alguma relevância para a área.

O presente trabalho tem por objetivo geral realizar uma abordagem da representatividade do ambiente de arquivo e do profissional da área no meio cinematográfico.

Logo, se derivam como objetivos específicos:

- Realizar um levantamento teórico sobre o tema da pesquisa;
- Analisar dois títulos cinematográficos do ano de 2016: *Rogue One* e *Aquarius*, com a perspectiva de se identificar o papel do arquivista nesta narrativa;
- Apresentar sob a abordagem dada pelos dois títulos cinematográficos a atuação do profissional Arquivista.

⁵ In LIMA, Eliane Bezerra. A representação do arquivista em obras de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão / Eliane Bezerra Lima. – 2011. 48 f.

A justificativa para a realização desta pesquisa adveio da união de um hobby pessoal, a paixão pelo cinema, aliado a um problema que identificamos logo após o ingresso no Curso de Bacharelado em Arquivologia, da Universidade Federal do Pará, qual seja: como uma área tão importante, para qualquer instituição, seja ela pública ou privada, sofre com tamanha falta de informação por parte dos gestores e da população? Não são raras as vezes que os graduandos e profissionais esbarram com indagações sobre os atributos e competências do profissional e da Arquivologia como ciência.

Devido a essa falta de informação do mercado, são desencadeados vários problemas para o profissional formado, tais como ofertas limitadas de emprego, incompatibilidade salarial e falta de prestígio dentro das instituições. Percebemos que é de grande ganho para a área uma discussão sobre a atuação profissional e a realidade do profissional Arquivista.

A metodologia da pesquisa se caracteriza como exploratória/descritiva. Trata-se de um trabalho teórico, documental, e o seu estudo foi desenvolvido através de levantamento filmográfico de duas obras relevantes do ano de 2016, as quais abordaram o profissional arquivista, em que foi dada preferência por títulos mais recentes que ainda não participaram de nenhuma espécie de trabalho ou pesquisa anterior, para seu melhor aproveitamento.

Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceite para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). (PENAFRIA, 2009. p, 1)

Posteriormente ao levantamento dos títulos em questão, houve análise de seu conteúdo com a finalidade de extrair os dados necessários, o resultado obtido foi apresentado por meio de uma análise qualitativa.

Após uma breve introdução sobre o tema, explanando um pouco sobre o surgimento da interpretação de papéis e a exposição de motivos que levaram a elaboração desta pesquisa, subdividimos os fundamentos teóricos em três partes: a primeira explana os Princípios e Procedimentos Básicos em Arquivística, considerando que o foco será o ambiente de arquivo abordado dentro das duas

produções de amostragem, julgamos importante comentar sobre estes preceitos mais básicos. Dentre os trabalhos utilizados estão: Rousseau e Couture (1998), Duranti (1994), Schellemborg (1973), Duchein (1993), Rodrigues (2012), Belloto (2002), Cortés (1980) e Vázquez (s.d.).

Em seguida, realizamos uma reflexão sobre a realidade do profissional arquivista no contexto brasileiro, na qual contextualizamos a origem da função, transformação em ciência, surgimento no Brasil e a realidade do profissional no mercado de trabalho. Os trabalhos utilizados para a pesquisa foram: Oliveira (2010), Lima (2012), Garcia E Penna (2004), Marques (2007), Santa Anna (2017), Cardoso (2006), Bellotto (2004), Schuartz (2000), Jardim (2011) e Shellemborg (2006).

Na última parte dos fundamentos teóricos abordamos o Cinema: seu surgimento e evolução até os dias atuais. Este subcapítulo aborda a invenção graças à criação do cinematógrafo e a evolução tecnológica ocorrida por ele, como o surgimento do cinema falado. Em seguida, tratamos sobre os desafios encontrados pela indústria do cinema como a dominação cultural e a homogeneização. Os trabalhos utilizados foram: Fidalgo (2002), Bernadet (1980), Lima (2011), Adorno E Horkheimer (1997), Stam (2000).

Após o fundamento teórico, adentramos na pesquisa em si, realizando uma análise individual detalhada sobre os dois filmes selecionados, iniciando pelo roteiro e a descrição do enredo, partindo para composição dos elementos arquivísticos da trama e finalizando ao explicar sobre o trabalho do profissional dentro do filme.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O ARQUIVO, O PROFISSIONAL E O CINEMA

Para a realização desta pesquisa foram utilizados como direcionadores o levantamento teórico sobre o tema, visando apresentar as transformações na qual a arquivologia perpetuou até ser consolidada como área do conhecimento, assim como seus princípios norteadores.

Mostramos também a trajetória da arquivologia no Brasil desde os seus primeiros ensaios até a criação de leis que servissem de alicerce para as práticas, como a criação de cursos de bacharelado para a formação de profissionais e pesquisadores. Explanamos também a respeito das atuais condições de trabalho e as realidades que o profissional enfrenta, bem como os principais desafios da área.

Para a realização da análise dos títulos cinematográficos, houve a conceptualização do cinema desde os primeiros ensaios, como a criação do aparelho precursor de toda a indústria cinematográfica que vemos hoje, esta que movimenta cifras bilionárias através de tecnologias adicionais como o cinema falado, em décadas passadas, e as projeções de alta definição, no período atual.

Apresenta-se também um dos principais desafios atuais da indústria cinematográfica, isto é, a prática de dominação cultural exercida aos países consumidores destes produtos, assim como os desafios para vencer a falta de representatividade étnica, de gênero, profissional e geográfica.

2.1 PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS EM ARQUIVÍSTICA

Para Schelleberg (1973), a necessidade de se organizar as informações veio desde que o homem passou a registrar os conteúdos históricos e administrativos em documentos, e em consequência disso, gerou-se o problema de organizar a quantidade volumosa de informações, facilitando suas pesquisas futuras.

Para Rodrigues (2012. p, 23), o nascimento da Arquivística científica, no século XIX, é compreendido como

uma técnica empírica voltada para a conservação e guarda dos arquivos, privilegiando os arquivos históricos. Nasceu unida a

Diplomática e à Biblioteconomia, de onde se nutriu para sua linguagem inicial e das quais fez empréstimos metodológicos que marcam suas origens. No momento em que se reconhece que os documentos deveriam ser organizados de acordo com o funcionamento do órgão que os produziram, com quem mantém estreita e indissociável relação, é que a arquivística encontra sua independência como disciplina. Assim como outras, seu processo de construção teórica vem se desenvolvendo através da observação e experiência, resultando em sua delimitação conceitual e metodológica, que a identifica e a distingue de outras ciências afins. Esta disciplina tem por objeto de estudos o documento, dimensão em que mantém um diálogo necessário com outras ciências

O arquivamento e organização de informações das civilizações tem sua origem desde o início da escrita. O profissional responsável por estas práticas era reconhecido apenas como “Guardião da Memória”, com os seus afazeres limitados apenas a resguardar possíveis entradas de intrusos ou a proteção contra sinistros que poderiam ocorrer. Com o nascimento da Arquivologia como ciência, o profissional passou a ganhar seu espaço com novas atribuições e responsabilidades, mas ainda assim, o ambiente do arquivo só começou a fazer sentido como serviço à população após a Revolução Francesa, em que a pesquisa de informações passou a ser aberta não apenas para auxílio administrativo às unidades produtoras, mas também ao público que formalizasse pedido para ter acesso a alguma informação específica.

Para Belloto (2002, p. 6):

A natureza da arquivística como área de conhecimento está limitada por seu objeto principal, o arquivo, e pode compreender a história dos arquivos, as legislações arquivísticas, a profissão, a terminologia, a teoria (que envolve profundamente a sua ligação com a administração, o direito e a história), a metodologia e o estudo da geração das informações e a produção dos documentos arquivísticos, assim como o estudo dos procedimentos técnicos referentes aos arquivos.

Vázquez (s.d.) delineia essas finalidades como etapas operacionais, são elas: recolher (no caso dos documentos de valor permanente), organizar, custodiar, difundir e disponibilizar os documentos quaisquer que sejam os suportes em que se encontram, servindo de processo decisório, no funcionamento das entidades e também servindo à pesquisa científica e memória social.

A Arquivística, especificamente, insere-se nesse contexto, por ser uma área voltada para a gestão da informação produzida pelas sociedades, ao longo do tempo, preocupando-se com a memória social e cultural e, ao mesmo tempo, viabilizando a produção de conhecimentos, contribuindo com o tratamento, armazenamento, recuperação, enfim, auxilia o fluxo documental. (SANTA ANNA, 2017. p, 293)

Dentro da Arquivística, um dos princípios mais importantes é o da *Proveniência* ou *Respeito aos Fundos*, em que os documentos produzidos por um determinado órgão não podem ser separados. Para Duchein (1986. p, 1), “O respeito dos Fundos é tradicionalmente considerado, desde a segunda metade do séc. XIX, como o princípio fundamental do arquivo”.

O princípio da proveniência consiste em deixar agrupados, sem misturar com outros, os arquivos [...] provenientes de uma administração, de um estabelecimento ou de uma pessoa física ou moral [...] o princípio da proveniência é atribuído a Natalis de Wailly, um historiador francês chefe da Secção Administrativa dos Arquivos Departamentais Do Ministério do Interior Francês, que em 1841, inspira ao seu ministro, Sr. Duchâtel, o conceito de uma circular que promulga que daí em diante os documentos que provenham de um corpo, de um estabelecimento, de uma família ou de um indivíduo deverão ser agrupados e não misturados com aqueles que apenas dizem respeito a um estabelecimento, corpo ou uma família. [...] Contudo, só no V congresso Internacional dos Arquivos realizado em Paris em 1964 ele parece ter recebido uma consagração internacional[...]. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 52-53)

Rousseau e Couture (1998) defendem ainda que existem dois princípios essenciais para os fundamentos da disciplina arquivística, defendidos desde o final do século XIX, o primeiro é chamado Princípio da Territorialidade, o qual leva em consideração o direito de proteção aos acervos perdidos devido a guerras ou transferência de mandatos, garantindo o direito a informação e reconstituição de acervos.

O segundo, denominado A Abordagem das Três Idades, engloba diretamente as etapas de vida de um documento gerado durante o decorrer das atividades de uma instituição, seja ela pública ou privada. A primeira delas é chamada *idade activa* ou *fase corrente*, em que o documento tem acesso constante pela administração. Na *idade semiactiva* ou *fase intermediária*, a sua consulta é realizada com menor frequência. Após a prescrição da *idade semiactiva*, o

documento pode então ser eliminado ou caso haja um valor histórico, é conservado de modo permanente (ROUSSEAU; COUTURE, 1998. p, 53).

Os documentos possuem características e informações únicas nas quais podem elucidar crimes, contar fatos, histórias, resolver conflitos ou simplesmente comprovar uma simples aquisição. Todos nós, desde o nascimento, produzimos informações e através delas, demonstram o que somos e até apontam planejamentos futuros. A Certidão de Nascimento que a criança recebe ao nascer, a numeração do cadastro de pessoas físicas – CPF, ou até mesmo uma prova escrita ou nota fiscal de farmácia. Todos produzimos e guardamos documentos criados para justamente termos à mão quando alguma situação solicitar. Com os arquivos institucionais ocorrem da mesma maneira, porém em maior escala, demandando profissionais qualificados para realizar este tipo de trabalho.

Para Roncaglio (2004, p. 12) “em última análise, manter a informação organizada e à disposição para os fins que se fizerem importantes e necessários para as empresas, sejam elas públicas ou privadas, e para a sociedade em geral”, ou seja, quando as informações se dispõem de forma organizada e acessível dentro das instituições, tanto os profissionais quanto os arquivos passam a fazer sentido cumprindo com êxito a sua missão.

Consideramos como período da História dos arquivos aquele compreendido desde a invenção da escrita até a Revolução Francesa (1789). A partir de então, inicia-se o que definimos como período pré-pragmático, a Arquivologia Clássica, que se configura até o pós Segunda Guerra Mundial, meados da década de 1940. Neste tempo, a reorganização da ordem mundial demanda novos usos dos arquivos, momento em que a Arquivologia Moderna tem suas teorias e métodos ampliados e que vão se construindo até o final da década de 1980, fase que definimos como transição e início para Arquivologia Contemporânea. (SCHMIDT, 2012, p.103-104).

O ser humano, por natureza, necessita incansavelmente de informação. Desde os tempos antigos, esta era levada informalmente, trazendo incertezas quanto a sua veracidade. Após a introdução da informação documental, registrada em suporte, revolucionou-se a maneira de consumir e utilizar a informação tornando-a mais fácil de se registrar e acessar (ROUSSEAU; COUTURE, 1998. p, 63).

O papel da arquivística é justamente fornecer e utilizar os instrumentos disponíveis para que esta informação seja acessada e disseminada sem distorções

pelo usuário, assim como servir de base para seu próprio aperfeiçoamento, ao romper paradigmas e se adequar a realidade de cada época.

2.2 REFLEXÕES SOBRE A REALIDADE DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA NO CONTEXTO BRASILEIRO

De acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), o Arquivista consiste no profissional de nível superior, com formação em Arquivologia ou experiência reconhecida pelo Estado. Durante séculos, houve esforços para que os estudos na área de arquivo evoluíssem tornando-se além de técnicas administrativas.

Esse campo, antes de se automatizar, foi exercido por historiadores, juristas e administradores. Sendo assim, devido a incipiência da área, o arquivista ainda está em processo de construção de sua identidade profissional. Esse processo vem se tornando, a cada dia, mais turbulento, e isso porque se tornou muito mais dinâmica e esperava-se cada vez mais dos profissionais nessa nova sociedade. A atuação do arquivista é imprescindível nos processos de prospecção, monitoramento e gestão documental. No entanto, essa participação não pode se restringir a um conjunto de técnicas. O tratamento da documentação na sociedade contemporânea requer um profissional que tenha (e busque constantemente) múltiplas habilidades. [...] A valorização da informação, como recurso que define a competitividade entre as pessoas, organizações e demais atividades que coexistem no mercado de trabalho, tornou crescente a demanda no mercado por profissionais da informação”. (OLIVEIRA, 2010. p.18)

Lima e Pedrazzi (2012. p, 28) também descrevem a evolução dos profissionais:

A profissão de arquivista, o qual apenas trabalhava em arquivos para garantir a integridade física dos documentos, tem passado por diversas transformações ao longo do tempo. Hoje o arquivista é reconhecido por gerir a informação e não somente o suporte que a sustenta, pois a demanda por informação tratada e por um modo de torná-la acessível é o grande desafio nesta época marcada pela tecnologia.

No Brasil, o mercado de trabalho voltado ao campo da arquivologia sofreu avanços significativos com o passar dos anos, com criações de leis que garantem o acesso a informação, associados à implantação de cursos de nível superior em

várias partes do país, tais progressos tem contribuído para a formação de arquivistas tanto para a área ativa no mercado de trabalho, quanto para o campo de pesquisa e ensino.

Garcia e Penna (2004) narram estes fatos sobre o advento da Arquivologia no Brasil em meados dos anos 1970, com a criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), mais precisamente em 1971, e apontam também a promoção de Congressos Brasileiros de Arquivologia, assim como a criação dos Cursos de Bacharelado, estes tendo início no Rio de Janeiro, bem como a regulamentação profissional, através da Lei nº 6.546/1978, delimitando as competências e atribuições do Arquivista e o Técnico em Arquivo. Ou seja, mesmo antes do estabelecimento de leis e a formação de profissionais oriundos do vínculo universitário, o Brasil já dispunha de pessoas que exerciam estas práticas em instituições públicas e privadas, bem antes da criação do Curso de Bacharelado em Arquivologia.

Marques (2007, p. 86-88) descreve que, mesmo antes criação dos primeiros cursos de Arquivologia no Brasil, o Arquivo Nacional oferecia formação em nível superior por meio do Curso Permanente de Arquivos (CPA), desde 1960, com reconhecimento do Ministério da Educação e Cultura (MEC), este funcionou inicialmente com o intuito de formar profissionais para absorção interna do órgão. Antes do CPA iniciar suas atividades, a formação era realizada através de cursos disponibilizados pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), pelo instituto de desenvolvimento e Organização Racional do Trabalho (IDORT-SP) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Algumas Universidades Federais ofereciam, paralelamente, cursos opcionais de Arquivística em suas respectivas grades curriculares, desde 1967, por meio dos programas de Biblioteconomia e História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo que a UFF passou a implementar a Cadeira de Arquivística no curso de História apenas em 1970.

Atualmente, o curso de Arquivologia é oferecido como curso de graduação em modo presencial em dezesseis universidades brasileiras: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual de Londrina (UEL),

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista (UNESP/MARÍLIA), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

Os arquivistas, considerados como profissionais da informação, tendo em vista os desafios impostos pela sociedade e diante dos paradigmas que sustentam a área, devem reformular seus fazeres, adquirindo competências que vão além daquelas ditas como tradicionais, ou seja, àquelas voltadas apenas para a custódia e gestão de arquivos". (SANTA ANNA, 2017. p, 293)

Desse modo, aprende-se, ainda na Universidade, que o mercado de trabalho atual possui e exige competências específicas do profissional da informação visto que o volume de informação produzido diariamente pela sociedade tende a crescer, necessitando de profissionais que entendam desta dinâmica e utilizem com destreza as ferramentas disponibilizadas pelas grandes instituições para a resolução de problemas.

O papel do arquivista nas empresas, no entanto, é fundamental. Cabe a este profissional planejar a organização do arquivo, considerando as qualidades inerentes aos documentos de arquivo, a importância da organicidade e do ciclo vital dos documentos. Ele deve distinguir tais documentos de outros conjuntos documentais acumulados por interesses particulares como, por exemplo, os jornais colecionados por um dirigente da empresa. Em seguida, deve-se distinguir as atividades de apoio (materiais, recursos humanos, financeiros, etc.), conhecidas como atividades-meio, das atividades-fim, que são aquelas que justificam a própria existência da empresa e a razão pela qual ela foi criada. Finalmente, um passo importante na organização de arquivos, é identificar no desenvolvimento de cada atividade institucional a série de documentos que se constitui, natural e inevitavelmente. Manter a ordem original dos documentos ou restabelecê-la quando for perdida é outra tarefa do arquivista. (RONCAGLIO, 2004. p. 4)

Contudo, o mercado de trabalho infelizmente não detém muitas informações acerca das atribuições do Arquivista, em que, por desconhecimento, designa-o para cumprir tarefas que muitas vezes o limita dentro destas instituições, como explica José Maria Jardim, em uma entrevista concedida a Cardoso (2006, p.14):

O desafio é procurar construir essa perspectiva com o futuro arquivista, deixando-o muito alerta para o fato de que, em diversas situações, a alternativa que ele vai ter em termos de início de percurso profissional, é aquela na qual o mercado solicita menos um arquivista e mais um guardador de papel. Com seu arsenal de conhecimento arquivístico, mas também de administração, de relações públicas, de pedagogia, o arquivista poderá alterar os papéis que muitas vezes o mercado está lhe impondo. Identificar esse universo sem transformação constante e atuar nele com qualidade é uma tarefa cada vez mais complexa para o arquivista. Uma formação adequada é absolutamente fundamental para que o futuro arquivista cumpra essa tarefa com desenvoltura.

Quando o profissional parte em busca de alocação no mercado de trabalho, precisa de um esforço adicional para se articular dentro das instituições, pois muitas vezes, devido à falta de informação, suas atribuições são confundidas com as de Técnico em Arquivo e a sua formação de Bacharelado muitas vezes não é levada em conta, resultando em oferta de salários incompatíveis com outros cargos que exigem diploma de nível superior.

É preciso que o administrador e o burocrata compreendam que o arquivista não é um simples trabalhador administrativo, dentro de um órgão público ou de uma organização privada, que não está ali apenas para passar papéis ou mídia eletrônica às mãos dos interessados. Ele é um provedor da informação administrativa e jurídica. É preciso também que os historiadores compreendam que o arquivista está suficientemente capacitado para elaborar os instrumentos de pesquisa que dão acesso à informação, que sua formação lhe dá elementos que o habilitam a não permitir que se perca a essência da informação na montagem da representação descritiva (BELLOTTO, 2004, p. 306).

Outro desafio que o profissional de arquivo enfrenta, quando procura inserção no mercado de trabalho, é a falta de espaço dentro das instituições privadas, onde não é difícil encontrar profissionais de outras áreas, sem a formação adequada, designados aos ambientes de arquivo, muitas vezes como forma de punição. Não são raros casos de atrito quando os profissionais explanam para o alto escalão, que a atribuição do arquivista também transcende os arquivos, expandindo-se até sobre as decisões sobre o controle e fluxo documental dentro da instituição.

Apesar do mercado possuir poucas informações acerca do profissional Arquivista, é importante que eles se mantenham sempre atualizados não só com relação a prática dentro dos acervos, mas que se mantenham sempre em

aperfeiçoamento, visando tornar-se profissionais com múltiplas habilidades, tal como enfatiza Schuartz (2000, p, 23) “é o trabalhador que precisa se adaptar com rapidez ao mercado, em vez de ficar esperando que surjam, vindas do próprio mercado, as oportunidades que correspondam ao seu perfil atual”.

Os profissionais que estão inseridos em um mercado mutante e desafiador como o da atualidade ampliam suas competências, habilidades e conhecimentos, através da capacitação ou formação continuada. Esse é um tema em destaque e considerado como de extrema importância para a adequação profissional (SANTA ANNA , 2017. p, 292)

Na história, o arquivista teve suas atribuições aperfeiçoadas na medida em que o mundo utilizava inovações tecnológicas para salvaguardar informações de extrema importância na administração das entidades, exigindo do profissional cada vez mais empenho no exercício de suas atribuições a fim de proteger e garantir o perfeito fluxo e funcionamento das instituições da qual faziam parte.

Nos primeiros momentos do pós-guerra, se estabelecem princípios de racionalidade administrativa, a partir da intervenção nas diferentes etapas do ciclo documental: produção, utilização, conservação e destinação de documentos. Estas transformações tiveram impacto bastante relevante no perfil das instituições arquivísticas - como também na Arquivologia e nos profissionais da área - levando-as a uma inserção mais profunda na gestão da informação produzida pela administração pública. A partir de então as instituições arquivísticas não mais se limitavam a receber, preservar e dar acesso aos documentos produzidos (JARDIM, 2011 p. 5)

O arquivista tem por obrigação manter sempre a imparcialidade dentro de seu contexto de trabalho, respeitando sempre a sua ética e moralidade a fim de não se deixar levar por correntes de pensamentos daquele momento. Acima de tudo, o profissional precisa ter em mente que a integridade dos documentos dentro de uma instituição são de extrema relevância para um total entendimento dos fatos em um outro momento, por isso a sua importância no exercício de sua profissão.

O trabalho do arquivista, em qualquer época, é preservar imparcialmente o testemunho, sem contaminação de tendências políticas e ideológicas, de forma que, tornando-se por base esse testemunho, os julgamentos sobre homens e fatos que os historiadores, por deficiências humanas, estejam momentaneamente incapacitados de proferir, possam ser proferidos pela posteridade. E ainda, conscientes de seu papel na preservação das informações no documento autêntico e crível. Os Arquivistas são, pois, os guardiões

da verdade ou, ao menos, da prova cuja base pode firmar-se a verdade. (SHELLEMBERG, 2006, p.359)

Na realidade brasileira, a profissão tanto de Arquivista como técnico de arquivo, só passou a ser regulamentada através da Lei Federal 6.546, datada de 1978, em plena ditadura militar, a transparência das informações governamentais e de suas práticas eram bem escassas para a população, mas ainda assim exigiu profissionais para manter a ordem no armazenamento dos documentos, o que não ocorreu completamente, já que grande parte acabou se perdendo.

2.3 CINEMA: SEU SURGIMENTO E EVOLUÇÃO ATÉ OS DIAS ATUAIS

Certas imagens valem mais do que mil palavras. A mensagem contida numa imagem, muitas vezes, afeta, provoca reações mais fortes do que textos escritos ou falados. Disfarçada pela dimensão estética, a imagem provoca sua leitura, transmite valores, concepções, crenças, enfim, mensagens elaboradas que se fixam em nossa memória e mexem com nossos valores, chegando até, a modifica-los (FIDALGO, 2002. p 1)

O cinema como o conhecemos hoje teve um início bastante peculiar. Fruto de um projeto científico criado por Lumière, o “Cinematógrafo” teve sua primeira exibição pública em Paris, mais precisamente no ano de 1895, com a única finalidade de exposição em uma feira científica, porém seu criador não acreditaria que, ao decorrer de mais de cem anos, sua criação acarretaria bilhões de dólares anualmente para os grandes conglomerados internacionais, nem que aquela sua humilde invenção teria uma vida extremamente longa e solidificada, a qual cativa milhões de pessoas ao redor do planeta através de histórias das mais diferentes.

Nesse 28 de dezembro, o que apareceu na tela do Grand Café? Uns filmes curtos, filmados com a câmara parada, em preto-e branco e sem som. Um em especial emocionou o público: a vista de um trem chegando na estação, filmada de tal forma que a locomotiva vinha vindo de longe e enchia a tela, como se fosse projetar-se sobre a plateia. O público levou um susto, de tão real que a locomotiva parecia[...]. É aí que residia a novidade: na ilusão. Ver o trem na tela como se fosse verdadeiro. (BERNADET, 1980. p, 5)

Mesmo que despreziosamente, nascia uma tecnologia completamente inovadora para a época, a qual depois de aperfeiçoada, poderia simular e adaptar com êxito a maioria das histórias imaginárias de diversos autores.



Figura 1: Cinematógrafo

Como ressalta Bernadet (1980), essa ilusão proporcionada pelo que conhecemos hoje como sétima arte se chama “impressão de realidade” e foi provavelmente o ponto chave para o êxito da invenção criada no final do século XIX.

E também nos dizem que o cinema reproduz o movimento da vida. Mas sabemos que não há movimento na imagem cinematográfica. O movimento cinematográfico é uma ilusão, é um brinquedo ótico. A imagem que vemos na tela é sempre imóvel. A impressão de movimento nasce do seguinte: “fotografa-se” uma figura em movimento com intervalos de tempo muito curtos entre cada “fotografia” (= fotogramas). São vinte e quatro fotogramas por segundo que, depois, são projetados neste mesmo ritmo. Ocorre que o nosso olho não é muito rápido e a retina guarda a imagem por um tempo maior que 1/24 de segundo. De forma que, quando captamos uma imagem, a anterior ainda está no nosso olho, motivo pelo qual não percebemos a interrupção entre cada imagem, o que nos dá a impressão de movimento contínuo, parecido com o da realidade. É só aumentar ou diminuir a velocidade da filmagem ou da projeção para que essa impressão se desmanche (BERNADET, 1980. p, 9)

Vale ressaltar que o cinema, em sua criação, não era uma arte acessível para a maioria das pessoas comuns, não que hoje seja acessível a todos, porém já foi uma tecnologia bem mais elitizada, desde a sua realização até seu consumo, com burgueses adentrando nos espaços seletos em seus trajes pomposos. O cinema, como vemos hoje, não se distancia muito desta linha, onde constantemente somos abordados com a apresentação de vários produtos, ideologias, comportamentos e costumes diferente dos nossos, muitas vezes com finalidades subjetivas de quem nos apresenta.

A classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo a sua ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade. Donde a necessidade de apresentar o cinema como sendo expressão do real e disfarçar constantemente que ele é artifício, manipulação, interpretação. A história do cinema é em grande parte a luta constante para manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão de realidade. O cinema, como toda área cultural, é um campo de luta, e a história do cinema é também o esforço constante para denunciar este ocultamento e fazer aparecer quem fala. (BERNADET, 1980. p. 10.)

Bernadet (1980) destaca um dos principais motivos que ajudaram o cinema a conseguir tamanho avanço, o simples fato de possibilitar várias cópias de uma mesma obra e apresentá-las em centenas de milhares de lugares, em horários diferentes, de acordo com a demanda dos espectadores ou de quem as projeta. Um mesmo filme hoje pode estrear em milhares de salas ao mesmo tempo, o que possibilita um retorno financeiro muito maior que peças de teatro ou shows, já que estes só podem ser exibidos apenas uma única vez para um público determinado. Até ao retratar sobre aspectos técnicos, uma obra de cinema não precisa ser encenada várias vezes consecutivas, pois seus elencos gravam por um período determinado de tempo e, encerrando as atividades, muitas vezes estão liberados para participarem de outros trabalhos.

O cinema em seus primórdios tinha suas limitações quanto a tecnologia, e mesmo não tendo som e contendo imagens em preto e branco, conseguia, apesar das limitações, imergir os espectadores dentro das histórias, mesmo quando o cinema mudo ainda exibia suas obras com balões entre as cenas, contendo diálogos enquanto a vitrola ou músicos tocavam instrumentos de acordo com o sentimento que queria despertar na plateia. Com o advento e estranhamento dos filmes falados, (STAN apud. SELDES, 1928, p.706) foi presente o pensamento que após o primeiro filme com som nas falas, este seria um atraso aos modos teatrais. Curioso dizer que sempre no surgimento de uma nova tecnologia, há um estranhamento e até repulsa inicial, mas com o passar do tempo sequer imaginamos como poderíamos viver sem.

O cinema tem uma proximidade muito grande do teatro, dado a forma que as histórias são contadas, utilizando, cada arte, dos recursos que dispõem para encantar os espectadores.

Atualmente, as formas de projeção e tecnologias evoluíram substancialmente, assim como as proporções e abrangência das produções, que graças a globalização, um filme pode ter arrecadação bilionária em suas exibições ao redor do mundo, utilizando-se de dublagens para absorção do público local. As projeções em tecnologia em terceira dimensão, com uso de óculos ou IMAX⁶, padrão de tela criado em 1968 no Canadá, onde sua principal característica é o seu tamanho acima do padrão já utilizado pela indústria, a projeção em alta qualidade e suas variantes com tecnologia ultra HD, com resolução de 10.000 por 7.000 pixels, podendo ser em 35mm ou até 70mm, são algumas das características que a tecnologia proporcionou ao cinema atual, atraindo ainda mais um público interessado em apreciar tais aparatos nas salas de reprodução.

Graças a toda essa tecnologia empregada, uma única produção pode arrecadar cifras bilionárias e por conta disso precisa ser bem planejada e divulgada, já que qualquer erro em sua execução pode causar milhões em prejuízos.

Um dos principais desafios que a indústria cinematográfica enfrenta atualmente é a forte crítica sobre os impactos que a prática de dominação cultural, imposta pelas grandes produtoras de conteúdo norte americanas, exercem sobre os espectadores, não considerando as singularidades que cada indivíduo ou porções deles representam.

Os meios de comunicação de massa são sistemas que comunicam em um sentido vertical, pois não há condições igualitárias na transmissão de mensagens entre emissor e receptor, e estes são impostas de “cima pra baixo”. Por meio dessa lógica, há um número reduzido de indivíduos e organizações que produzem conteúdo, por outro lado, há um número expressivo de sujeitos consumindo essas informações[...] Este fator possibilita que a emissão de informações seja facilmente controlada, seja pelo Estado – no caso de governos autocráticos – ou pelos próprios canais de comunicação em virtude de seus objetivos mercadológicos. (LIMA, 2011. p 15)

Devido a essa falta de retorno advinda do espectador, tais práticas tendem a formar indivíduos maleáveis e sem a capacidade de pensar por conta própria, sendo impostas sugestões de consumo, de comportamento, de valores sociais, dentre outros, transformando o espectador em possíveis consumidores ou apoiadores de ideias subliminares, ao invés de simples apreciadores de uma boa história.

⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/IMAX>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. (ADORNO e HORKHEIMER, 1997. p 119)

A homogeneização tem sido um termo bastante usado e criticado dentro da indústria cinematográfica, e é um dos temas o qual esta pesquisa ancorou-se, pois regularmente presenciamos a homogeneização de personagens, seja no tom de pele, etnia, países e até profissões. Isso acontece quando se suprime ou substitui elementos de um indivíduo. Aquele personagem, o qual era negro ou de etnia diferente no livro, mas que na adaptação cinematográfica é interpretado por um ator branco de origem norte americana é um dos exemplos do descrito acima. O mesmo acontece ao retratar certos povos e profissões em que muitas vezes nota-se que não foi feita uma pesquisa mais aprofundada, na tentativa de conhecer melhor o que vai ser abordado em uma produção, a qual provavelmente será exibida em vários continentes.

Os estereótipos sociais por trazerem uma concepção cristalizada socialmente a respeito de indivíduos e grupos de indivíduos, conseqüentemente, estão presentes nos discursos discriminatórios e preconceituosos convencionados pela sociedade. Dessa forma, são um forte aliado para a construção identitária do ponto de vista social, pois, estamos sempre julgando e sendo julgados pela visão de outros, e, mesmo quando não nos vemos da forma como a sociedade nos julga, não escapamos dessa “visão” global, por ser esta mais sólida, já que um grupo social tem mais poder que apenas um indivíduo. (SOUZA, 2006. p, 153)

Graças a grande amplitude que uma produção pode ter, em teoria seria recomendado um cuidado adicional durante a construção de elementos e personagens para que o resultado seja positivo, mas não são raras as vezes que presenciamos críticas justamente sobre estes critérios. Portanto, a presente pesquisa surgiu com o intuito de abordar se o ambiente de arquivo e os profissionais foram abordados com fidelidade ou de forma caricata nas duas produções que usamos como objeto de estudo.

A mídia, presente hoje nas maiores empresas da indústria cinematográfica, muitas vezes usufrui de largas quantias para ter um papel fundamental no

capitalismo de consumo moderno em que vivemos, onde todos estamos conectados, e esta mantém os espectadores sempre ávidos por uma nova tendência.

Ela surge como um novo fenômeno que invade a todos, que arquiteta, numa sociedade midiada, uma cultura midiática. A cultura da mídia vigente na sociedade se aspira dominante, estabelecendo formas e normas sociais, fazendo um grande número de pessoas enxergar o mundo por suas lentes, seus vieses. Utilizada como instrumento de manipulação a serviço de interesses particulares, reordena percepções, faz brotar novos modos de subjetividade, o que trás vantagens e/ou desvantagens, tanto no aspecto individual como no aspecto social. A mídia, com todas as suas ferramentas, hoje detêm o poder de fazer crer e ver, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, substituindo valores, modificando e influenciando contextos sociais, grupos, constituindo os arquétipos do imaginário, criando novos sentidos simbólicos como árbitros de valores e verdades. (SILVA, 2009. p, 2)

Desde o momento em que abrimos os olhos pela manhã e ligamos o celular ou assistimos a televisão, a mídia está presente, seja em nossa caixa de e-mail ou alguma publicação patrocinada em nossas redes sociais, ou aquele merchandising que se perpetua entre uma notícia ou outra do telejornal. A todo momento alguma empresa quer nos incitar uma ideia de comportamento, moda e consumo, que muitas vezes sequer precisamos, mas somos manipulados para achar o contrário.

Quando estamos assistindo alguma obra de cinema também não é diferente. Dependendo do tipo de público que se destina, tudo o que assistimos na tela é para vender, desde o carro, roupas, decoração, joias, perfumes. Quantas vezes não sentimos vontade de ter ou viver aquela realidade que vemos em tela, mesmo sabendo que, até as histórias baseadas em fatos reais, não passam de pura ficção?

O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Subliminarmente, através da televisão, das novelas, jornais e internet, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e homogeneizando estilos de vida (SILVA, 2009. p, 2).

Ainda destaca Silva (2009. p, 3):

A mídia é uma arma poderosa vertical e concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, “os detentores do saber”; como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de

cultura, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações, os modos de pensar e de agir do homem.

A mídia tem e costuma praticar manipulação de informações para o grande público. Este é um dos pontos negativos que o cinema vem enfrentando em suas produções, muitas vezes os conteúdos sofrem modificações invasivas, impedindo a totalidade da sua criação intelectual, visando o lucro. Existem várias correntes de pensamento que defendem a liberdade intelectual dos cineastas e criadores, frente a imposição dos grandes estúdios em querer intervir de forma agressiva na produção de conteúdo sobrepujando interesses financeiros acima dos conceitos idealizados.

3 O ARQUIVO EM TELA GRANDE

Langer (2004, p.1) diz que vivemos em uma era de imagens. Diariamente nos comunicamos em sociedade utilizando diversas fontes visuais e no cinema não é diferente. Dotado de diversos aparatos tecnológicos, os filmes são utilizados para tentar despertar no espectador sensações e emoções criando uma linha de empatia. São narrativas em que o receptor ou emissor do discurso visual interpreta as mesmas como sendo representações fiéis da realidade, mas que são estruturadas pela cultura (Langer , 2004, p. 2).

Para o desenvolvimento deste capítulo, foi realizada uma análise do conteúdo dos dois filmes objetos da pesquisa. Langer (2004, p. 4-9) diz que o analista deve comparar os conteúdos do filme com o conhecimento histórico e sociológico da sociedade em que o filme foi produzido, [...] deve em primeiro lugar escolher qual tema, período e contexto histórico vai ser trabalhado, possuindo conhecimento bibliográfico sobre o assunto pretendido. Nesse sentido, realizamos a contextualização e concepção de cada obra sobre cada sociedade a qual é ambientada, descrevendo os elementos que a compõem assim como destacando o as habilidades e importância que o arquivista representa dentro daquela sociedade.

Langer (2004. p. 9) conceitua o estudo da leitura do filme como documento, onde o analista deve procurar encontrar as similitudes e representações do filme como os fatos históricos (historiografia escrita). Dessa maneira, é imprescindível a análise e levantamento dos dados os quais se embasam nas práticas dos arquivistas, seus conceitos, utilizando o filme como auxílio, a fim de revelar as barreiras e os desafios que esta área precisa enfrentar fora das telas.

3.1 ROGUE ONE E A SEGURANÇA DOS ARQUIVOS DIGITAIS

FICHA TÉCNICA	
Título em Português	Rogue One – Uma História Star Wars
Título original	Rogue One – A Star Wars Story
Ano de produção	2016
Cromia	Cor
Idioma	Inglês
Estreia	15 de dezembro de 2016 (mundial)
Duração	133 minutos
Classificação	Não recomendado para menores de 12 anos

Gênero	Ação; Aventura; Ficção Científica
País de Origem	Estados Unidos da América
Sinopse	A Aliança Rebelde realiza um movimento arriscado de roubar os planos de destruição da Estrela da Morte para trazer uma nova esperança para a galáxia.

Tabela 1:Ficha Técnica **Rogue One**

3.1.1 A ALIANÇA REBELDE COMO SÍMBOLO DE ESPERANÇA

Os acontecimentos do filme desenrolam-se acerca de Jyn Erso (Felicity Jones), a qual é obrigada a sobreviver sozinha depois que o diretor Imperial Orson Krennic (Bem Mendelsohn) acaba por assassinar a sua mãe, Lyra Erso (Valene Kane), enquanto o seu pai, o engenheiro bélico Galen Erso (Mads Mikkelsen) é recrutado à força para completar o projeto da Estrela da Morte, uma estação espacial cuja arma principal é capaz de subverter planetas inteiros.

Seguindo os eventos do filme, após uma passagem de tempo de treze anos, somos apresentados a três núcleos da trama: O Império Galáctico, a Aliança Rebelde e o radicalismo extremo de Saw Gerra (Forest Whitaker). Seguindo na trama, Galen Erso ajuda um piloto desertor chamado Bodhi Rook (Riz Ahmed) a levar uma mensagem confidencial para a aliança rebelde, quando é capturado durante o processo. Após um período de tempo passado, Jyn, agora adulta, é mantida prisioneira em um campo de escravos imperial até que a rebelião adentra nas instalações e a resgata com o intuito de usá-la para chegar até seu pai e assassina-lo, já que ele é um dos principais nomes por trás da nova arma bélica conhecida apenas como “Matadora de Planetas”, em construção ainda pelo Império.

Sem conhecer os planos da aliança rebelde em descartá-la, juntamente com seu pai, Jyn é enviada para a lua Jedha com o oficial rebelde Cassian Andor (Diego Luna), juntamente com seu droide imperial reprogramado, K-2SO (Alan Tudyk) na promessa de que se ajudar a aliança rebelde em contatar seu pai, teria sua liberdade garantida.

Ao chegarem na lua Jedha, para contatarem o radical Saw Gerra e conseguir achar o paradeiro do pai de Jyn através da informação trazida pelo piloto desertor, notam que um destróier do Império está sobre a cidade retirando todo o cristal kyber disponível para utilizar como combustível da nova arma bélica (00:25:43). A essa altura, os radicais guiados por Saw Gerra, já de posse do

piloto desertor, retiram a informação do mesmo, através de um processo de lobotomização.



Figura 2: Destroyer do Império extraindo Cristais Kyber

Num encontro a sós com Saw Guerrera, é mostrado a Jyn um holograma onde seu pai, emocionado, justifica-se por tê-la abandonado, dizendo o quanto a ama e que durante os anos os quais serviu a Estrela da Morte aprendeu a mentir, e revela que plantou secretamente uma falha no projeto bélico na mesma. O módulo reator foi projetado de modo a manter-se instável, e no caso de uma explosão em qualquer parte, destruiria por completo a estação. Ainda na mensagem, Galen avisa que para encontrar o módulo reator é preciso do projeto da Estrela da Morte guardado no cofre de Arquivos da Torre da Cidadela, em Scariff.

Durante a sequência, a Estrela da Morte estava no centro de uma disputa interna de poderes, em que a gestão de Krennic é colocada em cheque, e sem opções, acaba por realizar o primeiro teste da arma explodindo a capital de Jedha, a célula de resistência de Saw Guerrera, o qual morre durante o ataque, levando consigo o holograma que Galen havia enviado. Como o teste da Matadora de Planetas foi um sucesso, a Aliança Rebelde pretendia mais que nunca levar seu plano adiante, para eliminar Galen como forma de impedir a conclusão do projeto, já que ele era um dos nomes indispensáveis por trás de sua realização.

Em fuga da Lua Jedha, Jyn compartilha a mensagem e os planos de seu pai, mas como o pen drive com o holograma havia se perdido, teriam que acreditar apenas nas palavras dela, esta não tendo mais dúvidas nem rancor de seu pai pelos rumos que os fatos haviam tomado, informou que se Saw não tivesse assumido o projeto da Estrela da Morte, o Império teria finalizado com ou sem a sua ajuda.

Jyn convence Cassian a resgatar Galen vivo para que ele confirme as informações contidas no holograma, e chegando até o Planeta Eadu, Refinaria Imperial de Kyber, utiliza o conhecimento do piloto Bhodi para a ação planejada, porém, durante a tentativa de resgate, Galen é atingido por uma nave da Aliança Rebelde e morre nos braços de sua filha.

Para que a morte do seu pai e de Gerrera não tenha sido em vão, Jyn propões aos líderes da Aliança Rebelde invadir o planeta Scarif, mas o conselho não aceita, visto que não existem provas concretas de que os dados são verdadeiros, tornando a missão perigosa demais. Frustrados, Jyn, Cassian, K-2SO e uma pequena equipe de infiltrados decidem por si só invadirem sozinhos o Banco de Dados em uma missão sem muitas chances de sucesso.

3.1.2 O ARQUIVO DIGITAL EM STAR WARS

Ao chegarem no Planeta Scarif, Complexo de Segurança Imperial (01:23:26), os personagens se dirigem para o prédio principal, com uma enorme antena em seu topo, conhecida como Torre da Cidadela, a qual detém a tutela de todos os arquivos da estrutura imperial em seu acervo.



Figura 3: Torre da Cidadela

Ao pousarem em terra, Jyn, Cassian e K-2SO formam uma equipe para adentrar a Torre, enquanto os demais tratam de distrair os soldados com a ajuda de explosivos. A antena no topo da torre é responsável pelo tráfego de informações pelo espaço, visto a larga abrangência do Império Galáctico. O planeta conta com um campo de força que possui uma única entrada, vigiada permanentemente por

dois *destroyers* e diversos caças chamados de *TIE Fighter*, protegendo a estação a qual é o portal de entrada para o planeta.

Internamente, a torre é muito bem vigiada, com grupos de soldados realizando vigilância em todos os corredores. O acervo isolado é localizado dentro de um enorme cofre, onde fitas magnéticas são acondicionadas em torres equivalentes a um prédio de vários andares, acessíveis indiretamente através de um braço mecânico controlado em uma sala anexa (01:42:45 a 01:42:50).

Todos os acessos a esta área são restritos e o acervo só pode ser acessado por pessoas autorizadas mediante identificação biométrica. Podemos observar que apesar do Império Galáctico deter um enorme poder bélico e vasta influência política, mantém suas informações cruciais em um ambiente que aparentemente está dentro do que é exigido para uma boa segurança, porém, o problema é justamente não possuir cópia de segurança destes dados em outro local nem possuir criptografia desses em caso de acesso não autorizado ao acervo.

Também houve falhas quanto ao tráfego dos dados, ao não possuir um firewall capaz de impedir que saíssem do planeta sem uma análise prévia, como o ocorrido nos trechos 01:56:32 a 02:00:17 da produção, onde o escudo o qual revestia o planeta Scarif também servia de bloqueador para que qualquer sinal saísse dali. Como o ataque rebelde acabou por destruir o escudo, não houve qualquer impedimento para que os dados fossem transmitidos para qualquer área da galáxia.

3.1.3 A IMPORTÂNCIA DE UM ARQUIVISTA EM STAR WARS

Com informações atravessando o universo, conectando povos, raças e planetas com diferentes níveis de desenvolvimento, é interessante ver a falta de uma gestão eficiente de todos os dados nessa trama, pois, fora o forte aparato de segurança, somos apresentados a um único profissional que realmente parece realizar a gestão de todos aqueles dados (01:34:42 a 01:34:50).

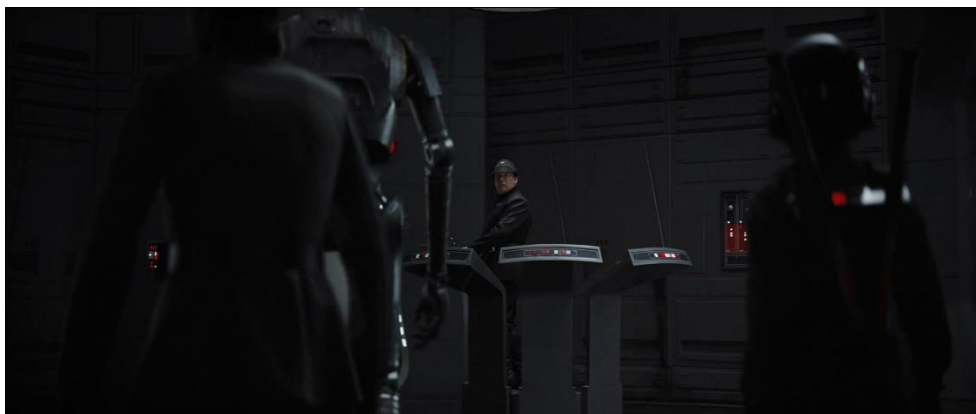


Figura 4: Arquivista da Torre da Cidadela

Podemos observar que pela grandiosidade do acervo, seria adequado a disponibilidade de mais profissionais para o cuidado da informação sensível, já que pessoas não autorizadas conseguiram adentrar no local sem que houvesse aviso à segurança por parte dos profissionais, comprometendo todas as informações do acervo pela simples falta de uma equipe ali presente.

Graça a estas falhas de acesso em diversos pontos, a informação foi furtada pela Aliança Rebelde da Torre da Cidadela, e como a segurança do local já havia sido comprometida, toda a base é destruída por um tiro da Estrela da Morte, ordenado pela própria liderança do Império, em que não é esclarecido se havia uma cópia do acervo ou se os dados foram descartados de forma irresponsável. De posse dos dados roubados, a Princesa Leia (Carrie Fisher) dando continuidade a cronologia da saga Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança, através destes arquivos, a aliança rebelde consegue traçar seus planos para derrubar o Império e trazer a paz para a galáxia.

Ao analisarmos o filme **Rogue One**, para a composição dos elementos arquivísticos na trama, observamos que o ambiente utilizado para a guarda das informações está dentro daquilo que podemos conceber como arquivo. O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005) possui duas definições distintas para o Arquivo, o espaço como “Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos”, assim como o “Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

Schellemborg (1973) define ainda que, o “Arquivo e o formato de documentos de qualquer instituição pública ou privada, que tenham sido considerados de valor permanente para fins de referência e investigação”, e Belloto (2002) não só compartilha da mesma ideia, mas também a complementa ao retratar sobre a natureza dos arquivos, definindo-as como administrativa, jurídica, informacional, probatória, orgânica, serial, contínua e cumulativa.

Cortés (1980) diz que o processo de formação dos arquivos é um processo natural, ou seja, é o destino dos documentos que marca a sua origem, não sendo uma reunião caprichosa nem coleção programada de documentos.

Especificamente em **Rogue One** é abordada a informação em suporte digital, já que apesar do filme ter sido elaborado no ano de 2016, houve a tentativa de manter fidelidade ao ambiente da obra original de 1979. O suporte magnético é abordado dentro da trama original devido a limitação intelectual da época, em que ainda não se imaginava uma base de dados em nuvem ou até mesmo a internet.

A computação em nuvem é a ideia de utilizarmos, em qualquer lugar e independente de plataforma, os mais variados tipos de aplicações através da internet com a mesma facilidade de tê-las instaladas em nossos próprios computadores (RUSSEL; ZANOTTO, MOTA; WC, 2010. p, 1)

O uso da criptografia não é novo, tendo sua utilidade largamente utilizada para transmissões estratégicas militares, devido a necessidade de se enviar mensagens às tropas sem que estas informações fossem interceptadas pelos inimigos, caso o mensageiro fosse capturado (Marcacini 2010, p 19).

A preservação de documentos arquivísticos tem por objetivo garantir a autenticidade e a integridade da informação, enquanto o acesso depende de os documentos estarem em condições de serem utilizados e compreendidos. O desafio da preservação dos documentos arquivísticos digitais está em garantir o acesso contínuo a seus conteúdos e funcionalidades, por meio de recursos tecnológicos disponíveis à época em que ocorrer a sua utilização (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 4).

Podemos dizer que o Arquivo obteve um grau de importância para o roteiro, porém, quanto a representação do profissional em cena, notamos que a produção o

deixou apenas como mero figurante, tendo apenas uma fala, para após ser golpeado e ter suas digitais usadas para abrir o cofre do acervo.

Ao serem disseminados pelos canais de mídia, informações e símbolos tornam-se referência para que a sociedade, baseada em seus conhecimentos do senso comum, corrobore ou transforme os conteúdos assimilados e apreenda novos símbolos. Deste modo, as projeções sobre o arquivista permitem que a sociedade constitua uma 'leitura' do profissional arquivista, ancorada tanto nas produções quanto em seu conhecimento ou desconhecimento prévio sobre o profissional (LIMA 2011, p. 12)

O perfil do arquivista tem como característica estar convergindo para a gestão de pessoas e também de recursos, realizar análises dos processos administrativos, a verificação de autenticidade dos documentos, planejar rotinas e procedimentos, cálculo de custos dos serviços referente dos arquivos, zelando pelo fluxo documental, visando sempre a difusão, organização e acesso aos documentos de arquivo (LINK, 2009, p, 23). O profissional com tantas competências poderia ter sido abordado de forma muito mais rica porém, **Rogue One** – Uma História Star Wars, filme que obteve a maior arrecadação do ano de 2016⁷, apesar do título ter levado aos cinemas milhares de espectadores ao redor do mundo, não retratou o papel do arquivista de forma satisfatória, restando-lhe apenas um papel secundário.

3.2 AQUARIUS E O ACESSO À INFORMAÇÃO

FICHA TÉCNICA	
Título em Português	Aquarius
Título original	Aquarius
Ano de produção	2016
Cromia	Cor
Idioma	Português
Estreia	1 de setembro de 2016 (Brasil); 17 de maio de 2016 (mundial)
Duração	145 minutos
Classificação	Não recomendado para menores de 18 anos
Gênero	Drama
País de Origem	Brasil e França
Sinopse	Uma jornalista aposentada defende seu apartamento, onde viveu a vida toda, do assédio de uma construtora.

⁷ Box Office Mojo. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2016&p=.html>> Acesso em: 28 nov. 2017.

	O plano é demolir o edifício Aquarius e dar lugar a um grande empreendimento.
--	---

Tabela 2: Ficha Técnica **Aquarius**

3.2.1 O CONFRONTO ENTRE O VELHO E O NOVO

Os eventos de Aquarius desenrolam-se primeiramente na parte intitulada O cabelo de Clara, em 1980 (00:02:48), somos apresentados a Clara (Bárbara Colen) ainda jovem, casada e mãe de três filhos, recuperada de um câncer de mama diagnosticado no ano anterior ainda com seus cabelos curtos. Durante o aniversário de 70 anos de sua tia Lúcia (Thalia Perez), com diversos familiares e amigos presentes, assistimos Clara transitar por todo o Edifício Aquarius, mostrando como era o cotidiano simples dos residentes daquele lugar.

Ao som de Toda Baiana⁸, música interpretada por Gilberto Gil, o filme salta para o ano de 2016, onde vemos Clara (Sonia Braga), viúva, desfrutando da terceira idade no mesmo apartamento onde sua família viveu por décadas, procurando mantê-lo com todas as características e mobiliário original, realizando o mínimo de alterações. Com o crescimento da cidade e a supervalorização da orla, todos os outros moradores optaram por vender seus apartamentos para a Construtora Bonfim, permanecendo Clara como a última residente do Edifício Aquarius e a qual nega as insistentes ofertas de compra do seu apartamento.

Os assédios começam a intensificarem-se quando o proprietário da Construtora Bonfim, Senhor Geraldo (Fernando Teixeira), acompanhado de seu neto Diego (Humberto Carrão) vão até o apartamento de Clara lhe propor uma oferta acima da média pelo seu apartamento (00:26:16). Após a negativa da proprietária, os esforços para que Clara reconsidere sua decisão tornam-se mais incisivos quando Diego toma as rédeas para que seu primeiro projeto, o moderno “Atlantic Plaza Residence”, depois batizado de Novo Aquarius, saísse do papel, deixando claro em diversos momentos que o Edifício Aquarius faz parte do passado, ignorando as razões que fazem Clara desejar permanecer morando ali.

⁸ Gilberto Gil. Toda Menina Baiana. **Realce**. Brasil, WEA, 1979.



Figura 5: Oferta de Compra

Clara desfruta de uma vida pacata, tem o privilégio de acordar todos os dias com uma bela vista da sacada de seu apartamento, frequenta a praia, realiza atividades físicas constantemente, sai com suas amigas. Possui uma vida financeira bastante confortável, aposentada, detentora de um vasto patrimônio de apartamentos, formada como jornalista e ainda possui livros publicados. Mesmo contrariada pelos seus filhos, após recusar uma oferta de R\$ 2 milhões pelo apartamento, Clara insiste que sua permanência no Aquarius não tem motivos financeiros.

Percebendo que todas as suas investidas amigáveis não surtiram efeito, Diego organiza orgias, cultos, queima de colchões para tentar concretizar a saída de Clara. Sem sucesso, e após ser ameaçada de forma velada por Diego, Clara não vê alternativa e busca ajuda de seus amigos jornalistas para encontrar informações a respeito da família Bonfim (01:53:33).

3.2.2 A PRESERVAÇÃO DOS DOCUMENTOS NO ARQUIVO PÚBLICO

Após a revelação de seu amigo sobre a existência de documentos que deixariam a construtora Bonfim em maus lençóis, Clara segue acompanhada de sua advogada, Dra. Cleide (Carla Ribas), à procura desses documentos em questão (01:58:43 a 02:00:13) dentro do Arquivo Público, nesse momento, observamos que as instalações estão em um local completamente inadequado, um enorme galpão servindo para outras finalidades além da guarda de documentos.

Na sequência, percebemos que existe uma grade na entrada e junto dela estão diversas caixas grandes de papelão empilhadas, móveis de aço sem uso e na pequena entrada já nos deparamos com estantes de aço enferrujadas e pallets de madeira, sem qualquer tipo de tratamento contra cupins e outros insetos.



Figura 6: Arquivo Público

Notamos também que não há higienização nem salas para o tratamento documental, assim como as pesquisas externas acontecem sem fiscalização, deixando dados sigilosos acessíveis para os visitantes do acervo que vasculham as caixas nos corredores. A estrutura do galpão não dispõe controle térmico, extintores de incêndio tipo A, eficiente para papel e madeira, as estantes sofrem com incidência de luz direta, não há esterilizadores de ar, desumidificadores nem termohigrógrafos. Quanto a segurança, percebemos que o galpão não dispõe de alarmes com sensores de movimento, sensores de fumaça, nem controle por senha.

Presenciamos também a incidência de goteiras, em que grandes baldes foram dispostos diretamente acima das caixas de arquivo para coletarem a água da chuva (01:59:33).



Figura 7: Condições do Acervo

Como EPI, notamos que aos visitantes são fornecidas, quando solicitado, apenas máscaras, para retenção de poeira, deixando de lado jalecos, luvas, óculos e touca. Sequencialmente, ao chegarem na seção onde as informações estariam, o Lote 307-D, as estantes não suportaram o peso das caixas e caíram no corredor, fato ocorrido pela não utilização de estantes de aço reforçadas, espalhando todos os documentos contido nelas. Sem mostrar qualquer proatividade, o responsável pelo setor apenas lamentou o ocorrido e mandou que elas procurassem as informações ali.

Dessa forma, observarmos que a operação do arquivo público não possui condições mínimas de funcionamento, conforto e dignidade para quem trabalha e precisa acessar suas instalações, e no caso de sinistro, as chances de se perder informações são altas.

3.2.3 A IMPORTÂNCIA DO ARQUIVO PARA A MEMÓRIA E IDENTIDADE

Para que um arquivo consiga exercer sua função, é imprescindível que esteja à frente um profissional que conheça, aplique as normativas e leis vigentes para a gestão adequada. Na sequência em que o profissional responsável do arquivo se apresenta como Benedito (Fabio Leal) e toma a diligência ao auxiliar Clara e a Dra. Cleide (01:59:15 a 02:00:09), podemos notar que a pessoa responsável não tem formação na área, visto que desconhece completamente o acervo e o fluxo de documentos ali.



Figura 8: O encarregado do arquivo

Ao deixar um único profissional, sem qualquer formação aparente na área de arquivo, percebemos o descaso por parte das autoridades competentes a qual desrespeita a legislação em vigor, ao demonstrar que não houve a contratação de arquivistas, nem técnicos em arquivo, desfavorecendo a gestão como um todo, nas quais enfatizo a falta de cuidado com o ambiente, sem limpeza periódica, mantendo o ambiente insalubre para qualquer pessoa que precise frequentar. O profissional desconhece a localização das seções e perde-se dentro do acervo. Quando encontra a pilha de caixas arquivo caídas no corredor, lamenta-se e manda as usuárias procurarem pela informação, sem prestar qualquer ajuda adicional.

As informações que Clara e Dra. Cleide conseguiram são essenciais para os acontecimentos que viriam a seguir. Ao ser abordada por dois ex-funcionários da Construtora Bonfim, na entrada de sua casa, Clara toma conhecimento que durante a sua última viagem vários trabalhadores da construtora trouxeram materiais e os alojaram em alguns apartamentos dos andares superiores (02:05:46 a 02:07:56). Com a ajuda de familiares e amigos do Corpo de Bombeiros, após arrombarem os apartamentos vazios, descobriram que a construtora colocou, secretamente, várias toras e colônias de cupins, com a finalidade de comprometer toda a estrutura do Edifício Aquarius, ignorando as consequências que poderiam ocorrer.

Clara, então na companhia de sua advogada e familiares, decide confrontar os donos da construtora utilizando (02:15:20 a 02:20:40) cópias da documentação antiga encontrada no Arquivo Público, as quais poderiam comprometer a imagem da empresa, caso divulgado na mídia. Após o desconforto causado, Clara adverte o Sr.

Geraldo e seu neto Diego que se eles destruíssem as cópias, ela tinha em seu poder os documentos **originais**. Em seguida, joga na mesa de reuniões os pedaços de madeiras infestadas por cupins.



Figura 9: Arquivo

Clara teve de recorrer ao arquivo para conseguir informações na defesa da memória de sua família, a mesma que viveu há tantas gerações no Edifício Aquarius, usando como instrumento de chantagem documentações cujo conteúdo seria comprometedor para a construtora Bonfim. Com o final do filme em aberto, não é explicado se o conflito terminou nos tribunais, se Clara divulgou ou não os documentos ou se a construtora desistiu dos seus assédios para derrubar o Edifício Aquarius, deixando para o espectador uma conclusão subjetiva.

Ao realizarmos uma análise sobre o filme **Aquarius**, primeiramente realizando o levantamento dos elementos de arquivo, podemos notar que é abordado no longa, com bastante fidelidade, a realidade de muitas instituições.

O acesso à informação governamental, encontra, a partir do anos 70, em Estados de características democráticas, diversas formas de expressão, traduzidas em duas noções que se referenciam mutuamente: transparência administrativa e direito à informação (JARDIM, 1999. p. 49)

O Arquivo é uma parte importante de qualquer instituição, sendo ela pública ou privada, porém notamos que mesmo servindo de munição para a prática

administrativa, muitas vezes não dispõe do mesmo tratamento ou investimento que as demais áreas, principalmente quando falamos da realidade brasileira. O fruto desta falta de visibilidade é o impacto negativo presenciado dentro das instituições, constantemente deixando a desejar quanto ao desempenho de suas finalidades, que seria o acesso à informação.

Vázquez (s.d.) delinea estas finalidades como etapas operacionais, como recolher (no caso dos documentos de valor permanente), organizar, custodiar, difundir e disponibilizar os documentos, quaisquer que sejam os suportes em que se encontram. Tais documentos são essenciais como processo decisório e funcionamento das entidades, servindo também à pesquisa científica e memória social.

Para Link (2009, p. 28), o arquivo não deve ser entendido somente como um lugar físico que congrega documentos de forma material, pois preservar a documentação é preservar a memória, construindo-se possibilidades para a elaboração de novos conhecimentos, proporcionando mais e maior transparência das ações.

Com relação a abordagem do arquivista em tela, desta vez vemos o que acredita-se ser um servidor responsável pelo arquivo público no decorrer de suas atividades cotidianas de trabalho. Interpretado por um figurante, porém com um pouco mais de tempo em tela, vemos em detalhes como se procede a consulta no acervo daquela instituição, onde o profissional responsável, sem formação adequada, demonstra-se, com vários pontos equivocados, os passos do seu trabalho cotidiano.

Souza (2011, p, 87) explica sobre a diferença dos arquivistas formados no Brasil comparado a formação norte-americana e europeia, em que o profissional brasileiro tende a ter competências teóricas e habilidades práticas para a atuação nas três fases documentais. Mas no decorrer de toda a sequência onde o arquivista atua, o mesmo não aparenta possuir competências básicas sobre a área, chegando até mesmo a se perder dentro do acervo por não realizar um mapeamento do mesmo.

Para Santos (2009, p.183), o tratamento da documentação arquivística é gerada e recebida pela instituição em decorrência de suas atividades, ou seja, o arquivo de fundo institucional é uma atribuição do arquivista.

Souza (2011, p. 112) define as áreas de atuação como:

Os espaços de trabalho dos profissionais arquivistas são as empresas públicas e privadas, as instituições arquivísticas públicas e privadas, os centros de documentação e informação, as universidades e os centros de pesquisa, as filмотecas e os museus, junto com os bancos de dados e serviços de consultoria arquivística. Além disso, também se inserem as clínicas médicas e os hospitais, as instituições culturais e financeiras, as sociedades e cooperativas, os centros de ensino, os arquivos particulares e as consultorias, além dos órgãos dos poderes legislativo, executivo e judiciário, entre outros. De fato, qualquer instituição produtora de informação é um espaço de trabalho potencial para os arquivistas.

Em decorrência do que foi observado durante a abordagem do profissional, podemos concluir que caso houvesse um conselho de classe, certamente cenas como as vistas no filme não aconteceriam, muito menos a ocupação do cargo de arquivista por profissionais de outras áreas sem a formação adequada. Já houve várias tentativas para a criação de um conselho profissional para realizar a fiscalização ostensiva do exercício da profissão e já foram apresentadas três propostas de associações ao governo federal em 1997, 2000 e 2004, mas todas foram arquivadas (SOUZA, 2011, p. 134).

A atuação do profissional dentro do filme infelizmente não corresponde com a realidade dos profissionais formados, porém é muito corriqueira com outros profissionais que desenvolvem estas atividades de forma inadequada, e no caso do filme, este despreparo ocasiona danos para a instituição em diversos aspectos, já que por conta do descuido, documentos originais foram levados daquele espaço, podendo causar danos irreparáveis dependendo do que tenha sido levado, pelo ponto de vista da unicidade do acervo. Mesmo com uma abordagem que não corresponde à realidade brasileira, é interessante observar o personagem na trama por trazer a figura do arquivista, e o meio em que ele trabalha, este demonstra como não agir nessa área, torna-se uma discussão envolta na verificação dos erros no trato com os arquivos e no desempenho do papel de arquivista. Desse modo, concluímos que **Aquarius**, apesar de não abordar com fidelidade o arquivista como profissional, fornece uma importante reflexão sobre as práticas que não devem realizadas nas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho verificou a representação do ambiente de arquivo e da atuação profissional do arquivista sob a perspectiva de duas obras cinematográficas recentes, utilizando-se do objeto para mostrar as dificuldades que os profissionais ainda enfrentam quando adentram o mercado de trabalho brasileiro, assim como a falta de informação por parte da sociedade para com o profissional.

Com aproximadamente quarenta anos de criação do cargo de arquivista, no mercado de trabalho, pouco se conhece a respeito das competências deste profissional, criando-se assim barreiras com o restante da administração, tornando-o de certo modo invisível. É inegável que houve avanços na área, mas ainda está muito aquém da realidade desejada nas discussões em sala de aula.

Não foi intenção realizar uma análise mais aprofundada sobre o tema, buscando as prováveis causas deste fenômeno ou soluções definitivas para ele, mas sim de manter a discussão presente para que sirva de alerta e para que seja debatido, principalmente entre os graduandos ou recém-graduados dos cursos de bacharelado em Arquivologia, os quais encontram dificuldades quando adentram no mercado de trabalho como profissionais formados.

Quando utilizamos o fruto da indústria cinematográfica para analisar a abordagem do profissional em tela, vemos em ambas as obras que a forma que o arquivista foi apresentado, mesmo que o arquivo tenha tido um papel importante para o roteiro, o profissional ainda não é exposto de forma satisfatória a ponto de servir como divulgação ou informação para a área. Já sobre o ambiente de arquivo, no mesmo foi apresentado, com certa fidelidade, os elementos que fazem dele um local importante para a memória coletiva, cumprindo o seu papel servindo de auxílio para administração.

Em ambas as obras, uma ambientada num futuro distante e outra retratando os dias atuais dentro da realidade brasileira, o profissional arquivista foi abordado de forma mínima, tendo pouco tempo em tela, sendo interpretados em ambas as obras por atores figurantes, ou seja, estavam ali apenas para a composição do cenário ou facilitadores para que o roteiro fluísse com mais homogenia. Inclusive no meio cinematográfico o profissional arquivista ainda não possuiu protagonismo em títulos

que realmente fossem considerados fenômenos culturais, seja em novelas, seriados ou filmes.

Devido a essa ausência, acreditamos que a área só irá obter reconhecimento pela sociedade quando houver uma mobilização para a criação de associações em todos os estados que possuem esses cursos de graduação, para solicitar a criação de cargos a nível estadual e municipal. Paralelamente, caberia aos profissionais já estabelecidos, um esforço extra visando criar medidas para uma maior divulgação dentro das instituições em que trabalham, assim como a luta para consolidação dos cargos, na demanda de mais investimentos para a área, criando assim melhores condições de atuação.

No mundo cinematográfico, como a produção de filmes se dá de forma contínua, pode haver mudanças neste cenário nos próximos anos, com novos lançamentos ligados ao tema de arquivo, possibilitando assim, a realização de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2017.

ARQUIVO NACIONAL. **Carta para a preservação do patrimônio arquivístico digital**. Brasília: Governo Federal, 2005. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Carta_preservacao.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

BELLOTTO, H. L. O arquivista na sociedade contemporânea. Arquivos Permanentes: tratamento documental. 2ª ed: Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. In: **Coleção primeiros passos**. Brasiliense, 1985.

CARDOSO, D. R.; VALENTIM, M. L. P. **Perfil do profissional arquivista para atuar com a gestão documental em ambientes empresariais**. In: Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia, 11, 2007, Santa Maria. Anais... Santa Maria: UFSM, 2007.

Cortés Alonso. 1980. Arquivos permanentes: tratamento documental. In: BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

COSTA, Alessandro Ferreira; LIMA, Eliane Bezerra. **A representação do arquivista nos meios de ficção: perspectivas do profissional sob o olhar do cinema e da televisão**. Perspectivas em Gestão e Conhecimento. João Pessoa, p. 103-119. jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/12586>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

DA SILVA, Ellen Fernanda Gomes; DE BARROS SANTOS, Ms Suely Emilia. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. 2009.

DOS SANTOS LIMA, Eliseu; PEDRAZZI, Fernanda Kieling. **FORMAÇÃO, ATUAÇÃO, REGULAMENTAÇÃO E ASSOCIATIVISMO PROFISSIONAL DO ARQUIVISTA BRASILEIRO**. *Revista Sociais e Humanas*, v. 28, n. 1, p. 27-45, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/index.php/sociaisehumanas/article/view/11279> acesso em 30 out. 2017.

DUCHEIN, M. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. **Arquivo & Administração**, v. 10-14, n. 2, p. 01-16, 1986. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/11453>>. Acesso em: 12 Nov. 2017.

DUCHEIN, Michel. **O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos**. Arquivo e Administração, v. 10, n. 2, p. 01-1001, 2009.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 49-64, 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976/2164>> acesso em 30 out. 2017.

FIDALGO, Edelweiss Ricci. **A construção da imagem do professor no cinema hollywoodiano**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: [s.n], 2002.

GAGNON-ARGUN, Louise. Os Arquivos, os Arquivistas e a Arquivística. In: ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol; ARÈS, Florence. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Publicações Dom Quixote, 1998.

GIL, Antônio Carlos. Metodologia científica. **São Paulo**, v. 3, 2002.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

RUSCHEL, Henrique; ZANOTTO, Mariana Susan; MOTA, WC da. Computação em nuvem. **Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brazil**, 2010.

JARDIM, José Maria. **Em torno de uma política nacional de arquivos.: Os arquivos estaduais brasileiros na ordem democrática (1988-2011)**. II Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia, Rio de Janeiro, p.1-20, 9 nov. 2011. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=YXJxdWI2aXN0aWNhLm9yZ3xyZXBhcnF8Z3g6MmYxMjl3NTFhOTk3NTc0Zg>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

JARDIM, José Maria. O conceito e a prática de gestão de documentos. **Acervo**, v. 2, n. 2, p. 36-43, 1987. Disponível em <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659/663>> Acesso em:30 out. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANGER, Johnni. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 5, 2004. Disponível em < xa.yimg.com> Acesso em 27 jan. 2018.

LINK, Jocelaine Zanini Rubim. **O mercado de trabalho dos arquivistas sócios da Associação dos Arquivistas do RS (AARS)**. 2009. Disponível em <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/2455>> Acesso em: 23 jan. 2018.

MARCACINI, Augusto. **Direito e Informática: uma abordagem jurídica sobre a Criptografia**. Lulu. com, 2010.

MARQUES, A.; RODRIGUES, G.; COSTA, L. Arquivistas e Arquivologia: lugares de formação, competências e exigências profissionais. In: **Congresso de Arquivologia do Mercosul**. 2005.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. **Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil**. 2010.

OLIVEIRA, Flávia Helena de. **A formação do arquivista na universidade de Brasília frente às demandas profissionais e de mercado da Capital Federal**. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/7467>>. Acesso em 30 out. 2017.

PAES, M. L. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. Rev. Ampl. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009. p. 6-7.

RODRIGUES, Ana Célia. **Diplomática contemporânea como fundamento metodológico da identificação de tipologia documental em arquivos**. 2012. Disponível em: <<http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/99>> Acesso em: 30 out. 2017.

RONCAGLIO, C.; SZVARÇA, D. R.; BOJANOSKI, S. de F. Arquivos, gestão de documentos e informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, ano 9. n. esp, p. 1-13, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/15182924.2004v9nesp2p1/5486>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ROSEMBERG, F., and ANDRADE, MP. Infância na mídia brasileira e ideologia. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 285-307. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol; ARÈS, Florence. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTA ANNA, Jorge. O arquivista como moderno profissional da informação: análise de competências à luz da literatura e da formação curricular. **RDBC: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 289-307, 2017.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**. Princípios e técnicas. Rio de Janeiro: FGV, 1973.

SCHWARTZ, Gilson. **As profissões do futuro**. Publifolha, 2000.

SOUZA, Helga VA de. Os estereótipos sociais: instrumento para a construção de identidades. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos**, v. 18, p. 150-161, 2006.

SOUSA, R. T. B. de. **Os desafios da formação do arquivista no Brasil**. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 15, 2008, Goiânia. Anais... Goiânia: AAG, 2008. Disponível em: <www.aag.org.br>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SANTOS, V. B. dos. **O arquivista como profissional da informação**. In: Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. 3ª ed: Distrito Federal: SENAC, 2009.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Papyrus Editora, 2000.

SCHMIDT, Clarissa Moreira dos Santos. **Arquivologia e a construção do seu objeto científico**: concepções, trajetórias e contextualização. Tese Doutorado. São Paulo 2012

Filmografia

ROGUE ONE – Uma História Star Wars. Direção: Gareth Edwards. Produção: Kathleen Kennedy. Roteiro: Chris Weitz, Tony Gilroy. Estados Unidos: Lucasfilm Ltd e Walt Disney Company, 2016. 1 DVD (134 min).

AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Roteiro: Kleber Mendonça Filho. Brasil e França: Cinema Scópio, SBS Films, Video Filmes e Globo Filmes, 2016. 1 DVD (145 min).